

**ABEC – ASSOCIAÇÃO BAIANA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CEPPEV – CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DA
FUNDAÇÃO VISCONDE DE CAIRU**

MARIA HELENA RIBEIRO COSTA

**AS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO NUMA
UNIDADE DE ENSINO DA REDE MUNICIPAL DE SALVADOR**

**Monografia apresentada ao Curso de
Especialização da Associação Baiana de
Educação e Cultura-ABEC, como requisito à
obtenção do título de especialista com
concentração em Docência do Ensino Superior.**

**Salvador
2004**

Dedico este trabalho aos meus alunos da Educação de Jovens e Adultos, da Escola Municipal Barbosa Romeo, por tudo que me oportunizaram e por acreditarem que a Educação ainda é o caminho para uma vida melhor.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me permitir a vida.

Aos meus pais, por me iniciarem no mundo letrado.

Aos meus filhos, pela oportunidade do amor incondicional.

Ao ser humano Beto, meu marido-companheiro, por sua compreensão e paciência.

À minha orientadora, por sua disponibilidade e dedicação.

Aos professores, amigos e colegas do curso de especialização.

A todos que contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

Agradeço, especialmente, à minha amiga francesa, Juliana Clermont, pelos ricos e inspiradores diálogos.

SUMÁRIO

RESUMO	6
1. INTRODUÇÃO	7
2. A EVASÃO ESCOLAR: SUAS DIVERSAS FACES E IMPLICAÇÕES	13
2.1 A evasão escolar e o interacionismo de Vygotsky	15
2.2 Evasão e repetência: fracasso escolar	18
2.3 Evasão escolar e afetividade	23
2.4 A formação do professor contribui para diminuir a evasão	28
3. AS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO NUMA UNIDADE DE ENSINO DA REDE MUNICIPAL DE SALVADOR	37
3.1 Contextualização da Unidade de Ensino	38
3.2 Perfil dos respondentes	42
3.3 As causas da evasão	46
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
4.1 Como utilizar as novas tecnologias para incluir e combater evasão	57
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE	67

RESUMO

Esta pesquisa teve o propósito de identificar os fatores que contribuem para a evasão numa escola municipal da cidade de Salvador. A temática que norteou esta pesquisa é o resultado das inquietações e angústias surgidas na vivência como docente, nas séries iniciais do Ensino Fundamental de uma UE de Salvador, pelos objetivos não atingidos na prática pedagógica, devido à evasão, gerando a necessidade de compreender os motivos que levam tantos alunos a abandonarem a escola. Pretendeu-se, também, verificar se as taxas de evasão são representativas face ao número de alunos matriculados e, levantar aspectos que possibilitem reduzir essa evasão naquela UE. O acesso à escola tem sido facilitado propiciando o atendimento à demanda, o mais próximo possível da residência do aluno, com um crescimento significativo da matrícula, mas é preocupante o número de evadidos. Na escola pesquisada existem, atualmente, cerca de 950 alunos matriculados. Entre 2000 e 2003, a matrícula anual girou em torno de 850 a 900 alunos e a evasão, entre 149 a 185 alunos. No início de cada ano, são matriculados 40 a 50 alunos por classe, e logo que se iniciam as aulas, a frequência começa a diminuir. Como professores de uma escola voltada para o atendimento de uma comunidade pobre, percebe-se o conflito: a vontade ou necessidade de estudar X todas as outras necessidades e problemas inerentes aos menos favorecidos. A evasão não é um problema apenas daquela escola. Contudo, o fato de a UE tentar atender às carências dos alunos, de forma holística, ou seja, no aspecto cognitivo, afetivo, moral, social, dentre outros, parece ser insuficiente. Espera-se que a compreensão dessa micro realidade possa servir de base ao desenvolvimento de novos estudos, contribuindo, assim, para a redução da evasão em todas as UEs. Considerando a abrangência do assunto e o quanto já vem sendo discutido, pretende-se fazer um recorte dos aspectos psicossociais, buscando dados referentes aos motivos da evasão escolar, relacionando-os com algumas variáveis, como: formação do professor, novas tecnologias, afetividade, necessidade de o aluno trabalhar, métodos de ensino, participação da família, gravidez, drogas, violência, subemprego, e, assim, compreender o porquê dos alunos deixarem a escola. O trabalho tomou como ponto de partida uma pesquisa bibliográfica e documental, que teve como fonte livros, jornais, revistas, *sites*. Dentre os muitos autores que tratam dessa questão, buscou-se, principalmente, as contribuições de teóricos como: Moacir Gadotti, Vygotsky, Wallon e Paulo Freire. Também, foi feita uma pesquisa de campo na escola, para saber dos alunos, que fatores contribuem para a evasão. Foi aplicado um questionário, de caráter confidencial, a 30 respondentes, à medida que os ex-alunos foram encontrados. O trabalho foi bem recebido pela comunidade. O resultado apontou a necessidade que os alunos têm de trabalhar e os filhos como os motivos mais marcantes da evasão escolar naquela UE. Esta pesquisa pode ser considerada relevante na medida em que abordou causas e conseqüências da evasão escolar, fornecendo uma melhor compreensão sobre o assunto. A análise dos resultados foi feita dentro da abordagem qualitativa considerando os dados coletados.

Palavras-chave: Evasão Escolar; Pesquisa; Escola Municipal; Alunos; Professores.

INTRODUÇÃO

Eu sei muito pouco. Mas, tenho a meu favor o que não sei e – por ser um campo virgem – está livre de preconceitos. Tudo o que sei é a minha parte maior e melhor: é a minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo. Tudo que eu não sei é que constitui a minha verdade.

(Clarice Lispector)

A temática que norteou esta pesquisa é o resultado das inquietações e angústias surgidas na vivência como docente, nas séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Salvador, capital do estado da Bahia. Isto, porque a insatisfação pelos objetivos não atingidos na prática pedagógica, devido à evasão, gerou a necessidade de compreender os motivos que levam tantos alunos a abandonarem a escola.

De acordo com o relatório de 2003, da Secretaria Municipal da Educação e Cultura (SMEC), a rede pública municipal de ensino de Salvador conta com 317 (trezentos e dezessete) unidades escolares, atendendo cerca de 146.900 alunos, em 4.852 classes, com 4.168 professores, sendo 3.319 efetivos do Município, 257 substitutos e 592 do Estado, decorrentes do processo de municipalização do Ensino Fundamental, além de diretores, vice-diretores e especialistas em Educação. O acesso à escola tem sido facilitado propiciando o atendimento à demanda, o mais próximo possível da residência do aluno, com um crescimento de 162,18% da matrícula no período compreendido entre 1996 e 2003.

Os dados divulgados pela SMEC acerca do crescimento do número de matriculados é animador, mas isso não elimina a preocupação dos educadores no que diz respeito à evasão. Na escola pesquisada existem, atualmente, cerca de 950 alunos matriculados. No período compreendido entre 2000 e 2003, a matrícula anual girou em torno de 850 a 900 alunos e a evasão, entre 149 e 185 alunos, o que representa uma evasão de 19% dos matriculados, conforme dados da própria escola.

No contexto deste trabalho, entende-se por evasão escolar o fato de o educando, uma vez matriculado, deixar de freqüentar a escola, independente dos motivos.

Docentes da rede municipal de ensino de Salvador, há 5 anos, têm percebido que o número de matriculados no início de cada ano é de 40 a 50 alunos por classe, e que logo que se iniciam as aulas, a freqüência começa a sofrer redução: alunos que nunca comparecem, outros que freqüentam uma ou duas vezes por semana, e outros que, assim que obtêm o número da matrícula para que possam fazer a carteira de passe escolar (*smartcard*), deixam de ir à escola. Os motivos que os levam a este comportamento são os mais diversos, e esse trabalho monográfico teve como eixo central a sua identificação.

Percebe-se naquela escola, que é voltada para o atendimento de uma comunidade pobre¹, o conflito que cerca os educandos: por um lado, a vontade ou necessidade de estudar, por outro, todas as necessidades e problemas inerentes aos menos favorecidos.

¹ Conforme dados da Revista Veja, 13 maio 1999, adquiridos por esta do IBGE/1999, faz parte da classe pobre vigias, serventes de pedreiros, ambulantes e outros trabalhadores sem qualificação, e que têm renda de até dois salários mínimos, disponível no site <http://www.geocities.com/Paris/Rue/5045/CLASSES.HTM>

A evasão não é um problema apenas daquela escola. Na cidade de Salvador o índice de evasão atinge 14% dos alunos matriculados, conforme Relatório/2003, da SMEC. Contudo, o que causa descontentamento nos profissionais de educação é o fato de se ter comprovação das ações desenvolvidas pela Unidade de Ensino, na tentativa de atender às carências dos alunos, de forma holística, ou seja, no aspecto cognitivo, afetivo, moral, social, dentre outros.

Todavia, existe o problema das inúmeras dificuldades enfrentadas pelos alunos que permeia o processo de escolarização deles, tornando-os reféns da ignorância, mantendo-os como analfabetos. Para Libâneo, citado por Gadotti (1994, p.12):

A pedagogia liberal sustenta a idéia de que a escola tem função de preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais. Para isso, os indivíduos precisam aprender a adaptar-se aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes, através do desenvolvimento da cultura individual (...). A ênfase no aspecto cultural esconde a realidade das diferenças de classes, pois, embora difunda a idéia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições.

O paradoxo existente entre o que é difundido e a realidade dos alunos se concretiza ao se analisar a forma desinteressada como a educação pública é conduzida.

Buscando elucidar esse processo que promove a evasão, a questão sobre a qual este trabalho se debruçou foi a busca dos fatores que contribuem para a evasão escolar num ambiente onde a preocupação com o aprendizado dos alunos e alunas é prioritário. A escolha da UE onde foi desenvolvido o estudo de caso obedeceu a três motivos principais: identificar os fatores que contribuem para a evasão nessa escola; verificar se as taxas de evasão são representativas face ao número de

alunos ali matriculados; levantar aspectos que possibilitem reduzir a evasão naquela entidade de ensino, uma vez que, todos os segmentos engajados no movimento de uma educação que prepare o educando para exercer a cidadania acredita que: a participação da família contribui para a redução da evasão escolar; métodos de ensino voltados para a realidade do aluno contribui para a permanência dele na escola; a formação continuada de professores auxilia a freqüência escolar.

Espera-se que a compreensão dessa micro realidade possa servir de base ao desenvolvimento de novos estudos, contribuindo, assim, para a redução da evasão em todas as Unidades de Ensino.

A preocupação com a evasão justifica-se pois, quaisquer que sejam os motivos, os alunos e alunas perdem a oportunidade de interagir com outras pessoas num ambiente letrado, deixando de construir o próprio conhecimento e impedidos de buscarem e adquirirem habilidades leitoras e escritoras, permanecendo, assim, sob a opressão da ignorância. Para Paulo Freire (1987, p.34):

Os oprimidos, que introjetam a 'sombra' dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando a expulsão desta sombra, exigiria deles que 'preenchessem' o 'vazio' deixado pela expulsão com outro 'conteúdo' – o de sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é idéia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos.

A inconclusão dos seres humanos é um fato, porém essa não se deve estender aos níveis da absoluta incapacidade leitora e escritora, situação que é favorecida pela evasão escolar.

Considerando a abrangência do assunto e o quanto já vem sendo discutido, pretendeu-se fazer um recorte dos aspectos psicossociais, buscando dados referentes aos motivos da evasão escolar, relacionando-os com algumas variáveis, como: a formação do professor, a necessidade que o aluno tem de trabalhar, métodos de ensino, participação da família, gravidez, drogas, violência, subemprego, e, assim, compreender quais, dentre esses fatores desempenham papel significativo na evasão constatada na UE pesquisada.

O trabalho tomou como ponto de partida uma pesquisa bibliográfica e documental, que teve como fonte livros, jornais, revistas, *sites*. Dentre os muitos autores que tratam dessa questão, buscou-se, principalmente, as contribuições de teóricos como: Moacir Gadotti, Vygotsky, Wallon e Paulo Freire. Também, foi feita uma pesquisa de campo na UE, numa tentativa de identificar, a partir da ótica do educando, que fatores contribuem para a evasão. Para isso, aplicou-se um questionário, com garantia de confidencialidade, a 30 respondentes, escolhidos dentre os alunos que abandonaram a escola desde sua fundação. O critério de escolha foi a facilidade de acesso aos respondentes, pois a grande maioria não pode ser localizada.

Em decorrência das desigualdades sociais e do desinteresse dos governantes no que concerne à educação, os educandos, por necessidade de sobrevivência, vivem à margem da escola, submissos, oprimidos.

Para os docentes, esta pesquisa foi relevante na medida em que abordou causas e conseqüências da evasão escolar, fornecendo uma melhor compreensão sobre o assunto, buscando sugestões que possam auxiliar, quando não possível na resolução, mas na tentativa de minimizar o problema.

Em função de melhor entendimento, este trabalho está dividido capítulos, conforme foi desenvolvido. Após esta introdução, segue o segundo capítulo, que trata da evasão com suas diversas faces e implicações. Nele são abordados o interacionismo de Vygotsky, a repetência, o fracasso escolar, a importância da afetividade na luta contra a evasão e, a formação do professor como elemento que contribui para redução da evasão escolar. O terceiro capítulo é centrado em um estudo de caso numa unidade de ensino da rede municipal de Salvador, em que se contextualiza a escola, traça-se um perfil dos respondentes e as causas da evasão, segundo a pesquisa. O quarto capítulo traz as considerações finais, apontando as novas tecnologias como meio de inclusão e de combate a evasão escolar.

2. A EVASÃO ESCOLAR: SUAS DIVERSAS FACES E IMPLICAÇÕES

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é **pronunciar** o mundo, é modificá-lo. O mundo **pronunciado**, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos **pronunciantes**, a exigir deles novo **pronunciar**.

(Paulo Freire)

Partindo-se do pressuposto que minimizando algumas necessidades dos alunos, estes se manteriam frequentando as aulas, a escola pesquisada, desde sua fundação, tem na sua prática ações como: formação continuada de seus professores, atividades em laboratório de informática, educação física, inclusive para o noturno, atividades de artes, atividades de reforço para aqueles que ainda não conseguem ler e escrever, independente da série em que estejam.

Apesar de todo investimento da escola em estudo, o papel do professor deve ser analisado freqüentemente e revisto com profundidade frente às aceleradas mudanças e contrastes marcantes. Também, é necessário rever a atuação da escola, para que todo o desejo de se fazer um bom trabalho não fique no discurso, na utopia. De igual modo, devem ser analisados os anseios dos alunos, que por muitas razões, têm uma autoestima baixa.

Sendo a evasão escolar um problema preocupante, a quem, realmente, interessa que alunos e alunas freqüentem a escola e se tornem letrados? Os programas² para combater o analfabetismo, a exemplo do Movimento Brasileiro de Alfabetização

² Informações retiradas da Revista Veja, edição 1825, de 22 de outubro de 2003.

(MOBRAL/ 1967-1985), Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos (1985-1990), Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (1990-1992), Alfabetização Solidária (1997-2002), Brasil Alfabetizado (2003), o Ciclo de Estudos Básicos (CEB), o Programa de Educação Básica (PEB), a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e tantos outros, não apresentam resultados satisfatórios, uma vez que na prática o que os docentes constatam é que os alunos e alunas egressos desses programas tornam-se, em sua grande maioria, analfabetos funcionais. Por outro lado, aqueles que estão realmente comprometidos com a educação, pouco podem fazer, pois seus poderes são limitados à regência de classe e pequenas ações isoladas.

2.1 A evasão escolar e o interacionismo de Vygotsky

O que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos poderá fazê-lo amanhã por si só. A área de desenvolvimento potencial permite-nos, pois, determinar os futuros passos da criança e a dinâmica do seu desenvolvimento e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação.

(Vygotsky)

Na concepção interacionista de Vygotsky, o homem aprende na interação com o outro. E começa-se esta seção com uma interrogação: como aprender a ler e escrever, interagindo com o ambiente escolar, se o aluno tem sua vida permeada por dificuldades que o impedem de freqüentar a escola? Ou ainda, se por quaisquer que sejam os motivos, uma vez matriculados, evadem periódica ou definitivamente?

Estudar é um ato social, portanto próprio do ser humano. Daí a necessidade de estar no ambiente escolar, interagindo com outras pessoas, tendo a oportunidade de ter contato com um mundo cultural. Para Vygotsky (1998, p.41):

As funções psicológicas superiores, que são características do ser humano, por um lado, estão ancoradas nas características biológicas da espécie humana e, por outro lado, são desenvolvidas ao longo de sua história social. É o grupo social que fornece o material (signos e instrumentos) que possibilita o desenvolvimento das atividades psicológicas. Isso significa que se deve analisar o reflexo do mundo exterior no mundo interior dos indivíduos a partir da interação destes com a realidade. Para que o indivíduo se constitua como pessoa, é fundamental que ele se insira num determinado ambiente cultural. As mudanças que ocorrem nele, ao longo de seu desenvolvimento, estão ligadas à interação dele com a cultura e a História da sociedade da qual faz parte. Por isso, o aprendizado envolve sempre a interação com outros indivíduos e a interferência direta ou indireta deles.

É necessário que o aprendiz seja cercado por condições que favoreçam sua ida e frequência na escola. Por outro lado, pela injusta realidade social a qual é exposto, e que ficou constatado na pesquisa, acredita-se que o abandono da escola é histórico, e desde os mais remotos tempos, de qualquer maneira está vinculado à persistente luta pela sobrevivência, tanto por parte dos alunos, como também, por parte de seus responsáveis.

A escola é a porta para a libertação da ignorância. Então, pergunta-se: o que faz uma pessoa, cheia de entusiasmo, sonhos, que vislumbra a possibilidade de socialização e de crescimento pessoal, deixar a escola para trás e permanecer no reduzido mundo do analfabetismo? É pesaroso imaginar que essa evasão, às vezes, aconteça de forma que passa de geração a geração. Dentro de algumas famílias esse processo se dá sem muita preocupação com um futuro melhor, menos sombrio. Então, torna-se a perguntar: por quaisquer que sejam as necessidades, ao deixarem o ambiente escolar, as pessoas estão evadindo ou sendo expulsas? Porque, mesmo fazendo a opção por deixar um ambiente, onde a interação com todo um meio letrado lhe proporcionaria a aquisição e a construção de conhecimento, não se traduz em 'evasão' simplesmente, mas, sim, numa forma de expulsão escolar.

A evasão ou expulsão escolar é maior no ensino noturno, que sempre foi tratado como algo a que não precisa se dar muita importância. De modo geral, professores que atuam nesse segmento, quando comprometidos com o que fazem, reclamam do descaso que há em relação aos alunos que estudam à noite. Na UE pesquisada, a equipe de professores do noturno, vem tentando fazer com que, realmente, haja a interação, não só entre os alunos, mas com a escola como um todo, a fim de

qualificar o ensino, para que haja, de fato, aprendizagem, atraindo a atenção de todos aqueles que buscam naquela escola, a possibilidade de tornarem concretas suas perspectivas de uma vida melhor.

Na concepção construtivista de Vygotsky (1998, p. 104), o socioconstrutivismo ou sociointeracionismo se sintetiza no seguinte:

Todo conhecimento é construído socialmente, no âmbito das relações humanas. O desenvolvimento da inteligência é produto da convivência social impregnada de cultura. Na ausência do outro, o homem não se constrói homem. A linguagem interna caracteriza a individualidade. É o principal instrumento de intermediação do conhecimento entre os seres humanos. A linguagem tem relação direta com o desenvolvimento psicológico.

Logo, se os alunos e alunas abandonam a escola estão, desse jeito, deixando de se relacionar socialmente, perdendo a oportunidade da convivência culta e, portanto, ceifados de construir o próprio conhecimento

2.2 Evasão e repetência: fracasso escolar

Ninguém liberta ninguém,
ninguém se liberta sozinho:
os homens se libertam em comunhão.

(Paulo Freire)

Combater o analfabetismo, a evasão escolar, a repetência e a baixa qualidade da educação exige compromisso, competência e vontade, principalmente, da parte dos governantes.

Há um consenso por parte de todos os segmentos da sociedade, de que mudança social não se faz sem educação. Mas, educação real, transformadora, que inclua o sujeito na sociedade e o torne capaz de exercer a cidadania, e não aquela representada apenas por números, para atender às necessidades políticas que buscam recursos financeiros no exterior.

Evasão escolar e repetência estão interligadas: se evadem, existe a possibilidade de voltar e repetir a série na qual parou, se repetem, ficam propensos a se cansar, terminam desistindo e evadem. Nesse ponto, entra um terceiro elemento que pode contribuir para a mudança desse quadro: aulas mais atraentes, mais significativas, mais próximas da realidade dos alunos. Caso contrário, estará estabelecido o fracasso escolar.

O fracasso escolar é um problema histórico da realidade educacional brasileira, caracterizando-se pelas repetências sucessivas e pela evasão escolar de crianças,

adolescentes e adultos sem terem completado as oito séries do Ensino Fundamental.

Dentre os problemas do sistema educacional brasileiro, em qualquer esfera, nacional, estadual ou municipal, o fracasso escolar é um dos mais estudados e discutidos por professores, pedagogos, profissionais da educação. Porém, o que ocorre muitas vezes é a busca pelos culpados de tal fracasso e, a partir daí, percebe-se um jogo onde ora se culpa o aluno, ora a família, ora uma determinada classe social, ora todo um sistema econômico, político e social. O que se observa é que ninguém assume a responsabilidade, mas se delega o fracasso a alguém ou a alguma coisa. Mas será que existe mesmo um culpado para a não-aprendizagem? Se a aprendizagem acontece em um vínculo, se ela é um processo que ocorre entre subjetividades, nunca uma única pessoa pode ser culpada. Pode-se dizer que há uma culpa em conjunto.

A sociedade do êxito educa e domestica. Seus valores e mitos relativos à aprendizagem muitas vezes levam ao fracasso. Em nosso sistema educacional, o conhecimento é considerado conteúdo, uma informação a ser transmitida.

A família, por sua vez, também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes. Existem as famílias possibilitadoras de aprendizagem, e quando se fala nelas tem-se uma tendência a excluir as famílias de classes menos favorecidas, já que estas não podem fornecer uma qualidade de vida satisfatória, uma alimentação adequada, acesso a diversas formas de cultura, como cinema, teatro, cursos, computador, viagens, festas.

Também contribuem para o fracasso escolar a própria instituição educativa que muitas vezes não leva em consideração a visão de mundo do aprendente. As discrepâncias entre o desempenho fora e dentro da escola são significativas. Ou seja, muitas vezes os profissionais da educação não conseguem transpor o conhecimento ensinado para a realidade do aprendente. O diálogo do educador deve alcançar o nível do educando, tornando-os próximos um do outro; deve ser um diálogo de sensibilização, de conquista, de doação, uma vez que nem sempre o educando encontra esse ambiente em casa ou na família. Para Gadotti (1994, p.27), citando Paulo Freire:

A dificuldade de praticar o diálogo está na própria estrutura social, fechada e opressora, que leva o educando a considerar-se (interprojetando a opressão, 'hospedando-a') 'ignorante absoluto e natural' [...] O diálogo é uma *relação horizontal*, oposta ao elitismo. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança. Na relação dialógica-educadora parte-se sempre da realidade do educando, dos conhecimentos e da experiência dele, para construir a partir daí o conhecimento novo, uma cultura vinculada aos seus interesses e não à cultura das elites.

Educadores mais sensíveis já conseguem interpretar e absorver este discurso de Paulo Freire, observando, assim, como sua prática pedagógica se torna muito mais produtiva.

Para enfrentamento do problema da evasão, várias redes municipais e estaduais vêm implantando programas de classes de aceleração de aprendizagem, destinados a crianças, jovens e adultos com *déficit* idade/série. O Ministério da Educação criou uma política nacional de Aceleração de Aprendizagem que tem sido seguida, inclusive pela Secretaria de Educação do município de Salvador. Portanto, a UE pesquisada está inserida nesse programa. Mas é necessário que se esteja atento

para essas medidas de aceleração como forma de resolver a questão do fracasso escolar. Em verdade, essa realidade exige que se pratique políticas que promovam a reorganização dos sistemas de ensino e das escolas.

Uma das soluções que se encontrou para o problema da repetência, presente em algumas redes de ensino, inclusive na capital baiana, é a promoção automática, alternativa polêmica que vem sendo muito questionada na área educacional. Acredita-se não estar aí a resolução para o problema. Não é promovendo automaticamente que se fará com que o aluno aprenda ou permaneça frequentando a escola. Durante a pesquisa, verificou-se a reprovação dessa prática, pelos alunos que foram promovidos de uma série para outra, sem as competências leitoras e escritoras, mas que conseguiram, ao longo de suas vidas, desenvolver um pensamento crítico capaz de entender que esse processo não os levará a atingir seus objetivos.

Sabe-se que não é só nas questões internas da escola que está o fracasso escolar; que a evasão e a repetência não são os vilões desse problema, a enorme desigualdade social está na origem dele.

Uma vaga na escola é o primeiro passo para o não-fracasso, mas concluir as oito séries do Ensino Fundamental não significa ter alcançado o sucesso escolar. E o maior indicativo disso é a falta de habilidades básicas, por parte dos alunos: ler, escrever e resolver operações matemáticas simples. Nesse contexto, há alunos que já passaram pela alfabetização, ou cursaram até a quarta série, ou concluíram o Ensino Fundamental, que não conseguem ler com fluência, ter compreensão do que

leem, escrever ortograficamente correto, ou, ainda, ler o que escrevem, caracterizando, desta forma, o que se chama de analfabeto funcional.

2.3 Evasão escolar e afetividade

...a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, onde a escolha individual não está presente.

(Henri Wallon)

No âmbito escolar, profissionais da educação têm discutido sobre a pedagogia em consonância com a prática afetiva. Grande parte dos educadores, em sua prática educativa, se convence de que a escola é responsável por uma formação holística dos alunos, formação essa que inclui não só a questão pedagógica, mas também a psicológica e a afetiva. É o que na prática pedagógica se chama de formação integral.

O homem, entendido como um ser holístico, vem sendo objeto de atenção de diversos segmentos científicos, a exemplo da Psicologia Transpessoal. Nesse sentido, em seu livro *A Psicologia Transpessoal*, Márcia Tabone (1999, p.151) afirma que:

A visão holística, progressivamente, tem se expandido, influenciando em várias disciplinas científicas, sendo que no campo da orientação psicológica a abordagem transpessoal é pioneira... A percepção do universo como um todo harmonioso e indivisível é o enfoque central do paradigma holístico e, como evidencia a 'teoria holográfica', cada parte constitutiva do universo contém informações sobre todo o universo e, portanto, alterações nas partes que afetam todo o universo. Dentro dessa perspectiva, na psicologia transpessoal o homem é visto como um sistema ou totalidade cuja estrutura específica emerge da interação de níveis de consciência – físico, emocional, mental, existencial e espiritual –, interligados e interdependentes. Essa concepção substitui o modelo de homem fragmentado e reducionista baseado na orientação mecanicista do paradigma newtoniano/cartesiano.

Um dos grandes desafios das escolas atualmente é oferecer uma formação sólida para os estudantes sem, contudo, esquecer a formação humanística. Essa formação vai desde a valorização dos conhecimentos prévios com os quais os alunos chegam à escola, passando pelo trabalho de valores humanos, para então, passar o conteúdo educacional. Deve-se desenvolver trabalhos que envolvam o aluno no seu todo, sendo ele agente no processo da construção do conhecimento, e que esse processo seja significativo para ele, ou seja, próximo de sua realidade. Estão envolvidas nisso atividades que permitem a formação do cidadão, a exemplo da arte e da cultura.

Em se tratando de afetividade como fator que pode contribuir para a redução ou o aumento da evasão escolar, dependendo, para tanto, de sua existência ou não, a família é a grande e primordial parceira da escola. Para Ana Cristina Oliveira³, diretora do Colégio Estadual Raymundo Gouveia:

Apesar de a família ser de extrema importância para formação do aluno, infelizmente, hoje ela não é mais a célula mater. Passando a não ter mais esta divisão e ficando mais sob a responsabilidade da escola a educação de maneira geral. A família não está mais assumindo o seu papel, uma vez que os pais não têm mais tempo de ficar com seus filhos. Ou eles estão na escola regular ou em cursos extraclasses como capoeira, natação, balé, enfim, são atividades complementares que realmente acrescentam muito para o aluno, mas não quando isto acontece porque os pais não têm como lhes dar atenção. São crianças que estão sempre sob a responsabilidade de outras pessoas. Inclusive, até a qualidade de vida deste aluno fica por conta da escola. Entre papéis que a escola tem que desenvolver, não apenas como complemento mais desenvolver com afinco, estão os temas transversais que tratam da sexualidade, DSTs, gravidez na adolescência, namoro, amizade e tolerância. Agora, continuo ressaltando que a escola não substitui a família, ela continua sendo a parte mais importante na formação do indivíduo.

³ Entrevistada da Folha Dirigida/Suplemento do Professor.

Sendo a família o seio acolhedor primeiro e mais importante na vida de uma pessoa, quando esta falha no seu papel de proteção, de orientação, de integração, fatalmente o indivíduo passará a uma existência desamparada. Fala-se em indivíduo porque não apenas as crianças sentem as consequências causadas pela ausência familiar, e que, por essa razão, podem perder o prazer de ir à escola e em consequência, evadir. Na Educação de Jovens de Adultos (EJA), encontram-se muitos alunos com históricos, às vezes, muito recentes, de desajustes familiares que comprometem o seu desempenho escolar. Verificou-se nesse segmento, que a maior consequência dos problemas familiares é baixa autoestima. Este sentimento de inferioridade provoca uma série de outros sentimentos (vergonha, medo, comparações entre idades) que impedem que esses alunos avancem em suas conquistas dentro da escola. Diante de tal situação, é necessário que o professor esteja atento, seja perceptivo, sensível às diferenças, às características individuais de cada aluno. Em princípio, parece difícil abarcar esse universo tão complexo, contudo, com a convivência, o professor comprometido aprenderá a lidar com as peculiaridades dos alunos, ajudando-os, inclusive, a superar suas dificuldades pessoais. Quanto a esta questão, Débora Bove⁴, gerente pedagógica do Centro Educacional Vitória Régia, comenta:

Grandes são os desafios. O professor deve conhecer cada aluno e não o ver apenas como um número na caderneta. O professor também deve saber de que forma se dá a aprendizagem em cada aluno. E, se necessário, abordar o mesmo assunto de várias maneiras considerando que uma sala de aula possui 40 alunos e cada um aprende de uma maneira. A escola deve saber em que momento precisa interferir. O professor, dentro de uma visão humanista, deve deslocar o foco um pouco do conteúdo e vislumbrar como este aluno será inserido no mercado de trabalho. Inclusive, muitas vezes, têm alunos com ótimas notas e, no entanto têm dificuldades de enfrentar o mercado de trabalho. Então, o professor, ao estar dando sua aula, não deve se deter apenas no conteúdo, mas se voltar também para o aluno, conversando com ele, sobre seu futuro, por exemplo.

⁴ Pedagoga entrevistada pela Folha Dirigida/Suplemento do Professor.

Todo ser humano tem carência de socialização e esta carência está vinculada à afetividade. Por isso, a conversa, a atenção que o professor dispensa ao seu aluno promove uma aproximação que pode garantir a frequência dele na escola, impedindo-o de evadir.

A afetividade é um tema central na obra de Henri Wallon. A posição de Wallon a respeito da importância da afetividade para o desenvolvimento da criança é bem definida. Em sua opinião, ela tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade e esta, por sua vez, se constitui sob a alternância dos domínios funcionais.

Aliadas aos problemas que os alunos enfrentam e que os obrigam a abandonar a escola estão os sentimentos desenvolvidos por eles em sala de aula e em relação ao seu professor. Esses sentimentos podem ser determinantes para seu sucesso ou fracasso escolar. Ana Rita Silva Almeida (2003, meio eletrônico) citando Wallon, explicita:

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação estreita tanto que as condições medíocres de um podem ser superadas pelas condições mais favoráveis do outro. Essa relação recíproca impede qualquer tipo de determinismo no desenvolvimento humano... A afetividade deve ser distinguida de suas manifestações, diferenciando-se do sentimento, da paixão, da emoção. A afetividade é um campo mais amplo, já que inclui esses últimos, bem como as primeiras manifestações de tonalidades afetivas basicamente orgânicas... A afetividade, com esse sentido abrangente, está sempre relacionada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo.

Como Vygotsky, com o sociointeracionismo, Wallon também acreditava que o crescimento do homem se dá através da interação, da ajuda mútua, da troca.

E, Ana Rita Silva Almeida (2003, meio eletrônico), ainda citando Wallon comenta:

A importância das relações humanas para o crescimento do homem está escrita na própria história da humanidade. O meio social é uma circunstância necessária para a modelagem do indivíduo. Sem ele a civilização não existiria, pois foi graças à agregação dos grupos que a humanidade pôde construir os seus valores, os seus papéis, a própria sociedade. É no cruzamento da psicogênese com a história que acontece a relação estreita entre as relações humanas e a constituição da pessoa, destacando o meio físico e humano como um par essencial do orgânico na constituição do indivíduo. Sem ele não haveria evolução, pois o aparato orgânico não é capaz de construir a obra completa que é a natureza humana, que pensa, sente e se movimenta no mundo material.

E, é com esse pensamento de construção conjunta, de relações interpessoais, que todos os segmentos sociais, não apenas a escola, devem se voltar em direção ao combate à evasão escolar, pois, assim, estará se construindo uma nova escola, uma nova sociedade, um novo país.

2.4 A formação do professor contribui para diminuir a evasão escolar

O (des)prazer de ensinar e aprender.
A educação como descoberta da alegria de viver:
amar, acordar, libertar e agir.

(Moacir Gadotti)

A eficiência da ação docente depende não só da consciência crítica da realidade, mas também do instrumental teórico que o professor recebe durante o processo de sua formação, que não cessa nunca. E é esse instrumento teórico, fundamentado nos vários campos do conhecimento [...] que constitui a base do saber-fazer pedagógico. O professor-educador se forma a partir de uma base sólida de conhecimento da prática refletida, da consciência crítica da realidade e do papel da escola dentro desse contexto.

(Nicolau e Mauro)

Foi tratada no capítulo anterior, a importância da afetividade na escola, na construção do conhecimento. Contudo, há outro item muito discutido pelos profissionais de educação: a formação do professor. Esta tem grande participação na permanência dos alunos em sala de aula. Pois, o professor que cuida de se manter atualizado, que estuda sempre, que é pesquisador, que procura se inserir no mundo das tecnologias, por certo vai estar melhor instrumentalizado para oferecer aos seus alunos aulas atraentes, dinâmicas, versáteis, extraíndo desses alunos atitudes e comportamentos que os levem a conquistar seu lugar na escola, descobrindo o desejo e o interesse em frequentar as aulas. No que diz respeito à formação do professor, Paulo Freire (2000, p.25) cita:

“Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador – dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”.

É interessante que o educador perceba o ato de ensinar como algo que reverte em seu próprio benefício, pois à medida que ele estuda, busca aprender para ensinar, ele está acrescentando saberes à sua formação; que perceba o ensinar como um ato de mediação no processo de aquisição do conhecimento do educando.

Entende-se que para tais práticas o professor tem que ter vocação. Essa vocação fará aflorar o amor pelo que se propõe a fazer, o que, aliás, é indispensável à prática educativa.

Gadotti (1994, p.48), citando Rubens Alves, diz que este para fundamentar a sua teoria da educação, parte da análise da sociedade capitalista contemporânea, fundada nos princípios da eficiência e do lucro, onde as pessoas perdem a sua identidade, engolidas que são pela função.

E, Gadotti (1994, p.48) prossegue citando Rubens Alves:

[...] profissões e vocações são como plantas. Vicejam e florescem em nichos ecológicos, naquele conjunto precário de situações que as tornam possíveis e – quem sabe? – necessárias. Destruído esse habitat, a vida vai se encolhendo, murchando, fica triste, mirra, entra para o fundo da terra, até sumir. Essa é a sociedade que prefere os ‘eucaliptos aos jequitibás’. Os eucaliptos são ‘essa raça sem-vergonha’ que cresce depressa, para substituir as velhas árvores seculares que ninguém viu nascer nem plantou. Para certos gostos, fica até muito bonito: todos enfileirados, em permanente posição de sentido, preparados para o corte.

Gadotti (1994, p.48), diz que “é através de metáforas como essa que Rubens Alves procura mostrar a necessidade da formação de um educador comprometido consigo e com o aluno, capaz de superar a burocratização e a uniformização a que é submetido”.

O professor que não procura constantemente se munir de ferramentas capazes de estimular em seus alunos o prazer de aprender, de ver na escola um ambiente de alegrias, não um lugar enfadonho, além de estar contribuindo de forma substancial com a evasão escolar, pode estar correndo o risco de ser facilmente substituído por um outro professor que mostre um desempenho prazeroso em ensinar.

No contexto deste trabalho, ensinar é entendido como mediar o processo de aprendizagem. Esse deve ser, portanto, o papel do professor – mediador.

Continuando a ressaltar as valiosas contribuições de Rubens Alves, Gadotti (1994, p. 49), cita:

É assim que se distingue, metodologicamente, o *professor* e o *educador*, advertindo-os de que na realidade, na prática, eles se encontram juntos, mesclados no profissional da educação. O professor seria essa árvore facilmente substituível, que coloca a função acima da pessoa, submisso ao papel social da profissão. Esses professores seriam seres ‘gerenciados, administrados e controlados pelos interesses do sistema’. A sigla lecionada não faz diferença, pois de qualquer forma o professor trabalha sem interesse e sem prazer, apenas para obter o salário e usufruir dele. É comparar o professor ao remador que está sempre remando para frente e cada vez com mais vigor, mas sem se questionar para que direção. Já o educador tem amor e paixão pelo que faz. Leva em conta as características próprias e individuais de cada aluno, as suas paixões, esperanças, conflitos (dele próprio e do aluno).

O professor deve desenvolver competências reflexivas sobre sua prática educativa, num movimento de ação-reflexão-ação. Ele deve entender que em uma educação

interacionista não há espaço para a “caixa” a ser preenchida. Ou seja, o aluno como mero receptor, e ele, o professor, o detentor do saber – que saber? – que pensa possuir. Já não há mais lugar para a educação bancária, tão criticada por Paulo Freire (2000, p.24), que diz que, para o professor praticar a Pedagogia da Autonomia, deve dominar alguns “saberes necessários à prática educativa”, pois,

[...] É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o *formador* é o sujeito em relação a quem me considero *objeto*, que ele é o sujeito que *me forma* e eu, o *objeto* por ele *formado*, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos.

Pode-se verificar, durante a execução deste trabalho, que na UE pesquisada existe a ação reflexiva sobre a prática, que analisa a relação Teoria/Prática. Pode-se ter acesso aos ‘diários de bordo’, onde os professores fazem registros sobre o que lhes ocorre internamente (alegrias nas conquistas em sala de aula, angústias, frustrações por objetivos não alcançados etc), como também a parte prática de suas aulas. E, nesta ação-reflexão-ação constante, os professores daquela UE têm conseguido, efetivamente, alfabetizar, educar e diminuir o índice de evasão da escola.

Da reflexão podem surgir ações significativas que proporcionem aos educandos avançar em seu processo de aquisição do conhecimento. A respeito da prática reflexiva, Philippe Perrenoud (2002, p. 43) escreveu:

Sem dúvida, cada pessoa reflete de modo espontâneo sobre sua prática; porém, se esse questionamento não for metódico nem regular, não vai conduzir necessariamente a tomadas de consciência nem a mudanças. Todo professor iniciante reflete para garantir sua sobrevivência. Um 'professor reflexivo' não pára de refletir a partir do momento em que consegue sobreviver na sala de aula, no momento em que consegue entender melhor sua tarefa e em que sua angústia diminui. Ele continua progredindo em sua profissão mesmo quando não passa por dificuldades e nem por situações de crise, por prazer ou porque não o pode evitar, pois a reflexão transformou-se em uma forma de identidade e de satisfação profissionais. Ele conquista métodos e ferramentas conceituais baseados em diversos saberes e , se for possível, conquista-os mediante interação com outros profissionais. Essa reflexão constrói novos conhecimentos, os quais, com certeza, são reinvestidos na ação. Um profissional reflexivo não se limita ao que aprendeu no período de formação inicial, nem ao que descobriu em seus primeiros anos de prática. Ele reexamina constantemente seus objetivos, seus procedimentos, suas evidências e seus saberes. Ele ingressa em um ciclo permanente de aperfeiçoamento, já que teoriza sua própria prática, seja consigo mesmo, seja com uma equipe pedagógica.

Verificou-se, também, na UE pesquisada que, além de registrar suas aulas em seus diários de bordo, os professores têm um momento de encontro sob a direção de uma coordenadora, para discutirem os registros; também é uma prática daquela escola, enquanto investimento na prática formativa dos professores, a observação de aulas, filmagens, para posteriormente, discutirem e buscar melhorar a prática. Esses professores têm 20 horas em sala de aula e 20 horas para planejamento e muitas leituras, como base de sustentação de suas aulas. É um fazer e refazer constante, em busca da melhoria da qualidade no ato de ensinar.

Nesse processo de aprender para ensinar, os professores vão convertendo seus erros em acertos, tudo em benefício dos alunos, com o objetivo de mantê-los sempre freqüentando essa escola, que prima, sobretudo, pela qualidade. Em verdade, todos têm um resultado positivo, uma vez que, na busca do saber para ensinar, os professores adquirem maiores competências docentes. Paulo Freire (2000, p.25,26) diz:

Não há docência sem discência. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém... Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. É que o processo de aprender, em que historicamente descobrimos que era possível ensinar como tarefa não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador.

E, pensa-se que ao estimular a curiosidade do aluno e sabendo-se valer dela, o professor estará de posse de uma significativa ferramenta para mantê-lo frequentando a escola, impedindo-o, assim, de evadir-se.

Ensinar exige muitas habilidades e competências, e Paulo Freire (2000, p.7,8,9) as enumera de forma clara, e em síntese cita-se:

Ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, a corporeificação das palavras pelo exemplo; exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reconhecimento e assunção da identidade cultural. Ensinar exige consciência do inacabamento, o reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível, curiosidade. Ensinar é uma especificidade humana. Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; exige tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica; exige disponibilidade para o diálogo e querer bem aos educandos.

Portanto, educar não é tarefa fácil, são muitas as exigências, a despeito dos benefícios financeiros, que não são tão significativos quanto à missão proposta. Deverá abraçar essa missão de educador, aquele que realmente esteja disposto a doar-se como pessoa responsável pela formação do outro. Entende-se que não há educação sem doação, sem amor, e isso faz parte da formação do professor.

A Rede Municipal de Ensino de Salvador tem se mostrado sensível quanto à questão formativa do seu corpo docente. Em entrevista ao jornal Folha Dirigida, a Secretária Municipal de Educação reafirma a importância da figura do professor como personagem principal em qualquer política educacional que pretenda ter oferta de qualidade. Ela fala da busca constante pela qualificação:

Nessa caminhada de competência que nós queremos seguir, a cada dia nós queremos que os professores sejam melhor preparados para uma prática pedagógica mais eficiente, para que eles entendam melhor os alunos. Para isso tudo o investimento tem que ser grande. Para nós que trabalhamos em educação e estamos hoje em um órgão central, numa secretaria como a de Salvador, é importante que os professores sejam os principais parceiros da educação. Não adianta ter a parceria da sociedade se lá na sala de aula o professor não entende o seu trabalho como importante, não entende a sua prática como resgate da educação que precisa ser resgatada. Por mais que a gente se esforce, por mais que se empenhe, se não tivermos a parceria do professor, não teremos êxito neste trabalho. Felizmente, a cada dia, um maior número de professores está entendendo a importância do seu trabalho, para que ele tenha o resultado que a gente espera.

Todos envolvidos com a educação falam em melhor preparação do professor. Naturalmente, que se espera dele a retribuição, em forma de melhor desempenho em sala de aula, para que os alunos possam encontrar sentido em estudar, em buscar realizar seus sonhos e, com isso, evidentemente, resolver a situação que é motivo da maior preocupação no meio educacional: a evasão. Mas, como tem sido essa melhor preparação do professor? A secretária de Educação de Salvador explica:

Nós estamos oferecendo cursos de graduação para quem já está na rede, onde nós temos uma turma de 100 (cem) professores na UNEB, 200 (duzentos) professores na Faculdade Jorge Amado, e em 2004 teremos também professores na Ruy Barbosa e na UFBA para que, no próximo ano, no encerramento da nossa gestão, tenhamos todos os professores com licenciatura plena. Isso é uma meta ambiciosíssima, mas que nós vamos atingir com certeza. A gente entende que, quanto maior o nível de

escolaridade do professor, ele estará melhor preparado para a prática. No momento em que nós estamos qualificando nossa rede, nós não temos mais o direito de colocar, em Salvador, pessoas que não tenham em sua escolaridade o nível superior. Senão vai ser uma bola de neve, não vamos concluir uma etapa de trabalho. Na nossa rede hoje, nós temos 400 professores que não têm o curso superior, excluindo aqueles que estão em processo de aposentadoria e que não querem mais o curso superior, e eles podem ser perfeitamente credenciados em 2004. Por isso é que não é justo que coloquemos novamente professores que vão demandar do sistema mais investimento. Nós pagamos uma bolsa integral para o professor, pagamos integral o salário dele para 40 horas, liberamos ele de 20 horas para estudar e pagamos um adicional para a pessoa que vai ficar no lugar dele nessas 20 horas. É um investimento muito alto.

Estas declarações foram e poderão ser constatadas na escola pesquisada. Isso deixa evidente a preocupação em resolver as questões da evasão, da repetência e conseqüentemente, do analfabetismo, pois todo o investimento é direcionado ao aluno, enquanto sujeito da educação. A secretária de Educação acrescenta:

É preciso que o professor se valorize como profissional da educação. Ele não pode ser apenas um funcionário público que está ali apenas para cumprir uma tarefa, nem trabalhar com seres humanos como se fossem máquinas. O processo de municipalização também ajuda a reverter esse quadro da educação porque, se universaliza o ensino, o estado não consegue abarcar todas as escolas [...] As leis de educação são ótimas, a literatura de educação é magnífica, todo mundo fala muito bem sobre educação, agora é fazer e acontecer em sala de aula. Aí está a complexidade, porque envolve um grande número de pessoas, das mais diversas procedências, na maioria dos casos não temos o apoio das famílias. A família é fundamental nessa parceria. Educação é dever de todos, esse é o nosso *slogan*. É preciso que todos se envolvam nisso.

Apesar de todo investimento na formação de professor, por parte da Secretaria Municipal de Educação, e dos apelos às famílias dos alunos e alunas, ainda é grande a desajuste entre o *slogan* da Secretaria e a realidade nas escolas municipais. Em geral, no caso dos professores, não há uma consciência, por parte deles, do seu papel de educador, do grande poder que têm de transformar a sociedade. Quanto à família, a grande aliada da educação, nem sempre

desempenha suas reais funções na vida dos alunos e alunas, isso quando não são literalmente ausentes.

3. AS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO NUMA UNIDADE DE ENSINO DA REDE MUNICIPAL DE SALVADOR

Professora,
Aqui nesta escola estou
Querendo um pouco aprender
Prá na vida um lugar conquistar
[...]
Saiba, eu não queria na rua morar
Queria apenas poder estudar
Mas nunca achei oportunidade
Queria ter família e livros
Vestir e calçar
Ter comida na mesa, amor e amar
Sentir, assim, a felicidade.

Maria Helena Ribeiro Costa

O grave problema da evasão deixa muito preocupados e com um sentimento de impotência, todos aqueles que fazem uma educação voltada para a inserção do ser no contexto social. Contudo, a sociedade tem que se mobilizar, pois permanecer na inércia diante de tal problema, é compactuar com a opressão em que a população não alfabetizada já vive. Nesse sentido, Paulo Freire (1987, p. 131) afirma que isto significa deixar-se cair num dos mitos da ideologia opressora, o da *absolutização da ignorância*, que implica a existência de alguém que a decreta a alguém.

3.1 Contextualização da Unidade de Ensino⁵

...com régua e compasso,
meu caminho nesta vida eu mesmo traço.

(Gilberto Gil)

A escola está situada no bairro de São Cristóvão, na cidade de Salvador, estado da Bahia. O Ato de criação consta do Diário Oficial do Município (DOM) do dia 13 de outubro de 1999.

A referida escola funciona em parceria com uma Organização Não-Governamental (ONG), sem fins lucrativos, através de convênio firmado em 1999.

A idéia de se criar uma escola municipal em parceria com a referida ONG surgiu devido à observação, por parte dos educadores, de que as crianças e os jovens atendidos por aquela entidade apresentavam muitas dificuldades em obter sucesso e permanecer freqüentando as escolas públicas em que se matriculavam. Já chegavam à ONG com uma história de evasão e repetência escolar, semelhante à de muitas crianças e jovens das comunidades pobres de Salvador. Por isso, essa escola teria que possuir características específicas comuns àquela clientela, mas, também atenderia à comunidade na qual estaria inserida.

A freqüência na escola sempre foi uma condição para participar das atividades da ONG (dança, capoeira, música, estamparia etc.), mas, com raras exceções, os educandos ultrapassavam a 2ª série do ensino fundamental e na sua maioria,

⁵ Texto baseado em informações extraídas do Projeto Político Pedagógico da Escola.

permaneciam fora da escola. Esses dados, com base no relatório anual da ONG (1998), revelava que grande parte desses alunos, com déficit idade/série, passou por múltiplos fracassos na escola e apresentava sérios bloqueios provocados por essa situação. Geralmente tinham a autoestima muito baixa e não acreditavam na sua capacidade de aprender.

A Escola nasceu com a finalidade de ministrar educação básica, nas etapas de educação infantil, ensino fundamental até a 5ª e 6ª séries, até 2001, atualmente atuando com Telecurso 1º grau, e na Educação de Jovens e Adultos no turno noturno. Tem sua educação inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, visando o desenvolvimento da pessoa.

O objetivo geral da escola é proporcionar ao aluno a formação necessária ao seu desenvolvimento intelectual-afetivo-psico-social, para sua autorrealização e preparação para o exercício consciente da cidadania, observando as determinações da Lei nº 9.394/96.

Em abril de 1999, início do ano letivo, a escola funcionou em uma casa alugada pela ONG e em virtude de limitações das instalações, foram atendidas 9 classes, sendo 6 classes no turno matutino com alunos que apresentavam grande déficit idade/série e 3 classes no turno vespertino de ensino regular. Em 2000, funcionando em novas instalações, foi ampliada a capacidade de atendimento para 29 turmas de 1ª à 4ª séries (10 pela manhã, 10 à tarde e 09 à noite), com uma matrícula próxima a 800 alunos.

A UE funciona num prédio bastante amplo, com instalações modernas e bem equipadas. Conta com 10 salas de aula, 2 salas informatizadas, biblioteca, sala de vídeo, sala de professores, sala de coordenação, sala da direção, sala para atendimento de alunos, refeitório, quadra e parque infantil. A rotina semanal dos alunos inclui, além das disciplinas obrigatórias, aulas de Artes, Informática e Educação Física.

Inserida num contexto sócio-econômico pouco privilegiado e que apresenta um alto índice populacional, a escola está à rua principal, que delimita duas zonas empobrecidas, marcadas pela miséria e marginalização. Mesmo com estas características, que é muito próximo da realidade das crianças e jovens atendidos pela ONG, há manifestações de preconceito e discriminação da comunidade em relação aos meninos e meninas da ONG, que freqüentam a escola.

Os dois segmentos, ONG e comunidade, estão subordinados aos mesmos problemas: altas taxas de desemprego ou subemprego, moradias em péssimas condições, sem serviços de água e energia elétrica, famílias desequilibradas, violência e outras tantas questões sociais. Nesse contexto, a definição da identidade do Projeto Ilê Ori (Casa do Conhecimento, na língua iorubá), a ser desenvolvido pela Escola, foi construída a partir da idéia da sociedade como uma totalidade na qual os alunos estão inseridos. Isso implicou em pensar uma proposta pedagógica que pudesse atender essas crianças integralmente, não só em nível de conteúdos conceituais, mas, principalmente em relação aos conteúdos procedimentais e atitudinais, onde a ética, valores e estética estejam impregnando toda a prática da escola.

A escola hoje tem uma equipe de educadores bastante heterogênea, contando com: 01 (uma) diretora, 03 (três) vice-diretores (um por turno) e coordenadoras pedagógicas (uma por área), 18 (dezoito) professores regentes (em regime de 40 horas - sendo 20 horas em sala de aula e 20 horas para atividades de planejamento, formação e desenvolvimento de grupos de apoio, com os alunos que necessitam de uma ação educativa mais pontual, ou seja, reforço escolar), 05 (cinco) professores de Jovens e Adultos (noturno), 05 (cinco) professores que atuam nas turmas de Telecurso. Conta também, com professores de Educação Física, Artes e Informática, além dos educadores da ONG que desenvolvem ações especiais de acompanhamento dos educandos e de suas famílias.

A Proposta Pedagógica da Escola é inspirada no Construtivismo sociointeracionista de Vygotsky, na Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, na afetividade de Wallon, e nos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Além disso, optou por trabalhar o tratamento didático dos conteúdos através da Pedagogia por Projetos, por constituírem situações de uso social, que são trabalhados de forma significativa.

3.2 Perfil dos entrevistados

Se acaso alguém me houvesse alertado o interesse, se antes de cada matéria lesse algum prefácio estimulante que me despertasse a inteligência, me oferecesse fantasias em lugar de fatos, me divertisse e me intrigasse com o malabarismo dos números, romantizasse mapas, me desse um ponto de vista a respeito da história e me ensinasse a música da poesia, talvez eu tivesse sido um erudito.

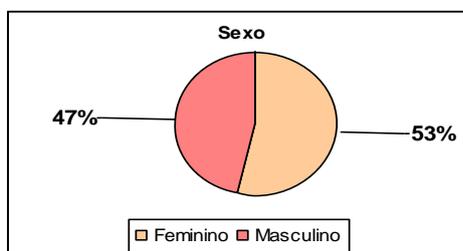
(Charlie Chaplin)

O questionário constou de oito perguntas semiabertas, em que a última, se investigou sobre os motivos da evasão escolar naquela unidade, dando margem a colocações dos respondentes, que são ou foram, estudantes da UE pesquisada e moradores do bairro onde ela está inserida. Acredita-se que por essa razão, o trabalho foi bem recebido por aqueles que foram solicitados a dar sua contribuição, e à medida que a pesquisa avançou, as pessoas se disponibilizaram, prestando informações extras, acreditando estarem contribuindo para a solução dos problemas que motivam essa evasão. Uma das informações extras foi o comentário do respondente de número 6:

Estudei nessa escola em 2000 e 2001. O primeiro ano foi bom, tive uma professora que fazia de tudo por nós. No segundo ano, me colocaram prá estudar com uma professora, que todo dia chegava escrevia um monte de coisa no quadro e manda a gente copiar, e depois ficava na porta da sala procurando com quem conversar. As outras professoras em suas salas e ela procurando conversa, deixando a gente à toa. Fui alguns dias, depois me aborreci e deixei de freqüentar de vez. Essa professora, eu soube que não está mais ensinando na escola, então, muitos colegas que tinham deixado de estudar naquela época pelo mesmo motivo, voltaram, mas eu fiquei traumatizado; tenho até vontade de voltar, mas cadê a coragem?

Através da pesquisa chegou-se aos seguintes resultados:

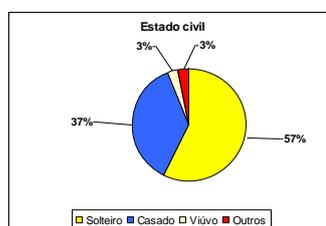
Gráfico 1 – Divisão do sexo



Fonte: questionário aplicado a respondentes.

Do total de 30 respondentes, 53% são do sexo feminino, o que evidencia que existe, na UE pesquisada, maior evasão escolar entre as mulheres.

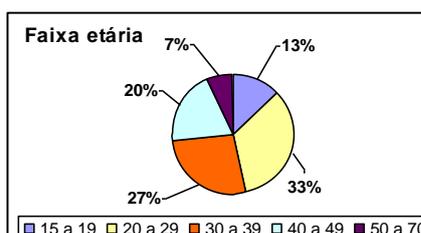
Gráfico 2 – Estado civil



Fonte: questionário aplicado a respondentes.

Com um percentual de 57% dos respondentes, os solteiros incluem aqueles que, mesmo vivendo com alguém, de forma marital, não se julgam comprometidos civilmente.

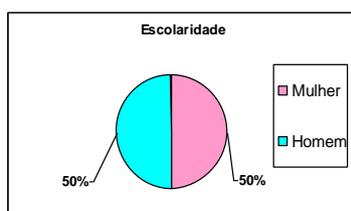
Gráfico 3 – Faixa etária



Fonte: questionário aplicado a respondentes.

Entre 30 e 39 anos de idade está o maior número de respondentes, como também o maior número de evadidos na fase adulta, uma vez que as crianças e os adolescentes têm a família, que exerce o poder sobre elas e podem controlar a evasão.

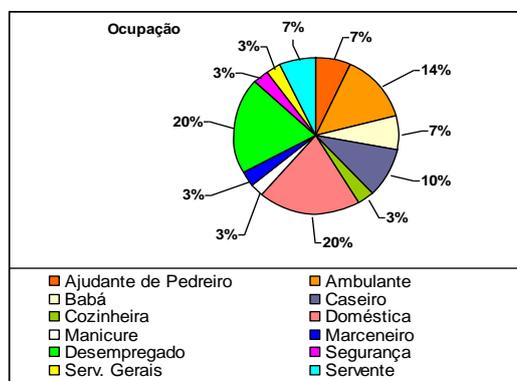
Gráfico 4 – Escolaridade



Fonte: questionário aplicado a respondentes.

Todos os respondentes apresentaram 1º grau incompleto

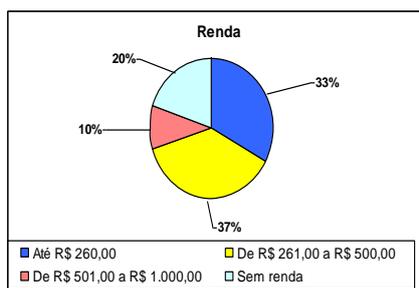
Gráfico 5 - Ocupação



Fonte: questionário aplicado a respondentes.

Neste item, a maioria tem suas funções no subemprego, mesmo assim, há um empate entre a classe de maior percentual, empregada doméstica, e a classe de desempregados.

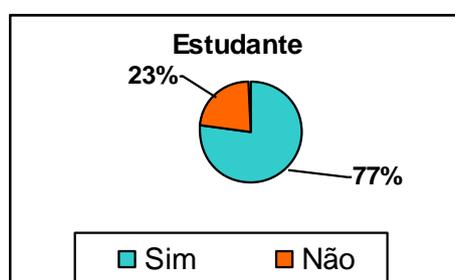
Gráfico 6 – Divisão de renda



Fonte: questionário aplicado a respondentes.

A maioria apresenta renda mensal que varia entre R\$ 206,00 e R\$ 500,00. Algumas delas já estão em seus empregos há vários anos. Devido à boa conduta nunca foram dispensados, apresentando bom relacionamento com seus patrões, segundo os respondentes.

Gráfico 7 – Situação escolar atual



Fonte: questionário aplicado a respondentes.

A maioria dos respondentes apresenta uma distorção idade/série em virtude de, em algum momento de suas vidas, terem abandonado a escola, embora, atualmente, tenham retomado os estudos e representem a maioria no item que trata da atual situação escolar dos mesmos.

3.3 As causas da evasão escolar

Tabela 1 - Trabalho

Trabalho	Quantidade	f(x)	f(%)
Sim	18	0,6	60
Não	12	0,4	40
Total	30	1	100

O trabalho foi apontado como o maior motivo pelo qual os alunos evadem, deixam de frequentar a escola. Este fato acontece desde os primeiros anos de suas vidas. Por serem constituintes de uma camada social menos favorecida, são obrigados a fazerem uma opção que lhes garanta a manutenção sua e, na maioria das vezes, de familiares, deixando para trás sonhos de estudar e se tornar alguém em melhor condição de vida. Destaca-se aqui a fala do respondente de número 23, um vendedor ambulante de 18 anos de idade:

Eu estudei nessa escola no ano de 2000, continuei em 2001 e saí antes que o ano acabasse. Saí porque não tinha com quem deixar minha *guia*⁶, precisava trabalhar para sustentar a mim e ajudar minha mãe. Hoje, trabalho tão perto da escola e continuo sem poder ir lá. Então, penso que só a necessidade de trabalhar pode fazer a gente deixar de estudar.

O conflito entre trabalho e escola tem desdobramentos imediatos por causa do impacto do trabalho precoce sobre a evasão escolar e, no longo prazo, sobre a escolaridade obtida. No primeiro caso, a literatura sobre o tema atesta que há uma relação inversa entre trabalho precoce e frequência à escola. No segundo caso, ou seja, naquele em que o trabalho precoce exerce influência sobre a escolaridade obtida, infere-se que trabalhar hoje pode viabilizar o estudo amanhã, seja para

⁶ A palavra faz referência ao local onde ele arma a barraca de ambulante para vender produtos diversos.

financiá-lo, seja porque o trabalho é experiência que potencializa a educação futura. Contudo, há uma situação que não se pode deixar de tratar aqui: o fato de que esse trabalho pode vir a ser o causador da evasão escolar temporária e, depois, tornar-se definitiva. Neste caso específico, percebe-se o desinteresse do poder público de possibilitar o retorno das pessoas à escola, já na fase adulta, e ter uma chance de transformação, quando em uma entrevista concedida a Rádio Tropical-Sat, o governador Paulo Souto (2003, meio eletrônico) afirmou:

A Bahia, nos últimos anos, tem apresentado uma das maiores quedas do Brasil na taxa de analfabetismo de crianças. É bom que se diga isso para não reforçar o sensacionalismo que estão fazendo acerca de um possível analfabetismo no estado, que hoje reflete simplesmente, em sua maior parte, o analfabetismo de adultos maiores de 16, 18 ou 20 anos que, no passado, infelizmente, não tiveram a oportunidade de estudo que hoje as nossas crianças têm. É um estoque, vamos dizer assim, de analfabetos, que muitas vezes não se motivam mais para estudar. Mas o importante é que não estamos criando analfabetos novos... Então o número de analfabetos de hoje na Bahia não reflete a falta de escolas, mas uma população adulta que no passado não teve condições de estudar.

Nota-se nas expressões ‘estoque de analfabetos’ e ‘não se motivam mais para estudar’, que pelos, hoje, adultos analfabetos, evadidos da escola pelas mais diferentes razões, nada ou quase nada se tem a fazer, a não ser esperar que morram e, enfim, acabar com o analfabetismo.

Tabela 2 – Filhos

2 - Filhos	Quantidade	$f(x)$	$f(\%)$
Sim	15	0,5	50
Não	15	0,5	50
Total	30	1	100

Os filhos são apresentados pelos respondentes como a segunda maior razão da evasão escolar. Explica-se esse motivo, pelo menos com duas situações: ou os pais vão trabalhar para sustentar a prole, ou deixam de trabalhar para cuidar dela. Tal situação gera grande conflito, principalmente naqueles que conseguem vislumbrar nos estudos uma saída para a situação sócio-econômica difícil em que vivem.

O problema se torna mais grave, quando pais e mães param de trabalhar ou ainda deixam as crianças em lugares cujas condições são precárias. É uma questão que pode trazer sérias conseqüências negativas. Ou a família perde poder aquisitivo, agravando a situação financeira, ou a criança corre o risco de ter a sua saúde e desempenho escolar comprometidos por causa da falta de estrutura do local que a acolhe enquanto os pais trabalham.

Há casos em que o aluno retorna à escola pela merenda oferecida e que ele leva para casa para que, assim, os filhos tenham o que comer. A respondente de número 12 declarou:

Há muitos anos, quando era jovem, fui embora da escola porque tinha três filhos, não tinha quem cuidasse deles, e, agora, não nego, venho à escola porque quero ver se estudando, consigo um emprego, pois estou desempregada. Para estudar deixo meus meninos sozinhos ou com minha mãe, que é doente. Mas, a principal razão de voltar a estudar é porque aqui dá merenda aos adultos também e essa merenda eu levo para meus filhos comerem, senão eles ficam com fome. Já passamos vários dias sem ter o que comer.

Em outro momento a respondente de número 5, uma manicure de 49 anos, fez menção aos filhos:

Quando eu era jovem não pude estudar, cheguei a me matricular, mas tive que sair para tomar conta dos meus irmãos. Depois, casei e tive meus filhos, e aí é que ficou mais difícil. Cuidei deles, do marido e da casa, agora

que eles estão adultos, resolvi cuidar de mim voltando a estudar. Para mim, meu primeiro ano de estudo foi o ano de 2001, nessa escola e daqui só saio quando já souber ler e escrever. Meu sonho de chegar a uma universidade e ser uma advogada, só os meus filhos conseguiram adiar, mas nunca é tarde.

Os relatos sobre os filhos, como motivo de evasão, são paradoxais, ao tempo que nutre o mundo interior dessas pessoas de desesperança, empregam, às vezes, nos filhos todo desejo de realização e por eles passam a lutar cada vez mais.

Tabela 3 – Distância entre a residência e a escola

3 – Distância entre a casa e a escola	Quantidade	$f(x)$	$f(\%)$
Sim	12	0,400	40
Não	18	0,600	60
Total	30	1	100

A distância entre a residência e a escola foi apontada por 40% dos questionados como um dos grandes motivos de se deixar de estudar. Essa distância implica em diversas situações. Ao ser perguntado, o respondente de número 16 respondeu:

Às vezes nós não temos dinheiro para pagar o transporte até a escola; já se chega cansado do trabalho e ainda ter que ir andando, é difícil [...] O cansaço e o sono tomam conta, e mesmo se nós formos, ao chegar lá, cochilamos na sala. Também, tem o problema de ter que passar por lugares violentos [...] andando é perigoso. Se estiver chovendo é muito pior.

Existem aqueles que mesmo morando distante da escola, freqüentam, porém falta muito, o que compromete o aprendizado.

Tabela 4 - Alimentação

4 - Alimentação	Quantidade	f(x)	f(%)
Sim	4	0,133	13
Não	26	0,867	87
Total	30	1	100

A alimentação constitui uma das atividades humanas mais importantes, não só por razões biológicas evidentes, mas também por envolver aspectos sociais, psicológicos e econômicos fundamentais na dinâmica da evolução das sociedades. Dos respondentes, 13% apresentaram a alimentação como uma forte razão para se deixar de ir à escola. Tanto pelo fato de ter que trabalhar para adquiri-la, ou por não ter o alimento em casa. O respondente de número 18 comentou:

A pessoa com fome, sem ter nada em casa para comer, não tem ânimo de ir à escola. A fome traz fraqueza, doença, o pensamento fica lento, o sono vem mais depressa... Como uma pessoa vai estudar com fome? Às vezes, ninguém na família consegue um 'bico', e aí não se tem como comprar o que comer mesmo...

Tabela 5 – Falta de dinheiro

5 - Falta de dinheiro	Quantidade	f(x)	f(%)
Sim	11	0,367	37
Não	19	0,633	63
Total	30	1	100

Apesar da condição socioeconômica dos respondentes, apenas 11% apresentaram a falta de dinheiro como um motivo para evadir da escola. A dificuldade financeira

contribui para muitos outros problemas já tratados anteriormente: procura por trabalho, cuidado com os filhos, falta de alimentação, por exemplo.

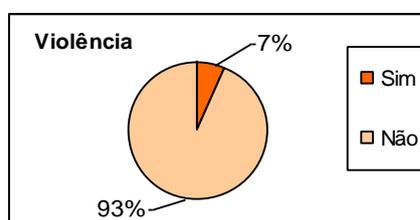
Tabela 6 – Problemas de saúde

6 - Problemas de saúde*	Quantidade	f(x)	f(%)
Sim	7	0,233	23
Não	23	0,767	77
Total	30	1	100

* Refere-se à gravidez precoce, HIV, drogas e alcoolismo.

Os problemas de saúde, como motivo de evasão escolar, foram citados por apenas 7% dos respondentes. Dentre as situações consideradas problemas estão: a gravidez em adolescentes, mulheres que engravidam sem ter condições de sustentar os filhos, o consumo de drogas, inclusive o cigarro, o alcoolismo e a AIDS. Sendo, dentre todos, a gravidez o problema mais grave naquela comunidade, carecendo de um programa de conscientização e de controle da natalidade, o que evitaria, no futuro, o grande número de crianças abandonadas pelas ruas.

Gráfico 8 – Violência



Fonte: questionário aplicado a respondentes.

Um fato curioso acontece neste item: apesar de a escola pesquisada está inserida em uma área onde a violência é predominante em todos os seus aspectos, apenas

7% dos respondentes citaram-na como um motivo de evasão escolar. Isso acontece não se sabe se porque as pessoas da comunidade já absorveram essa condição de violência como uma coisa natural em suas vidas, ou se, ao serem questionadas, evitam falar sobre ao assunto por constrangimento ou medo.

Ainda não há estudos sobre o impacto da violência urbana nas taxas de evasão escolar. A sociedade, com muito sacrifício, entende que o lugar de criança, jovem e adulto não escolarizado é na escola.

O jornal O Globo, na edição do dia 2 de junho de 2004, trouxe uma reportagem sobre evasão escolar nas áreas mais violentas do Rio de Janeiro, e que pode ilustrar, de uma forma mais branda, a situação das pessoas e do bairro em que a escola pesquisada está situada:

O fenômeno da violência urbana pode atrapalhar a universalização do acesso à escola. Talvez sejam poucas, estatisticamente, as pessoas que abandonam a escola por causa da violência. Isso não quer dizer que a situação seja menos grave. Uma criança fora da escola em uma área de risco é fortíssima candidata a trocar os bancos escolares pelas armas do tráfico. Suponhamos que apenas 0,1% abandonem a escola por causa da violência. Essa porcentagem, que parece mínima, num universo de 30 milhões de crianças matriculadas no ensino fundamental significa 30 mil crianças. É um contingente numeroso demais para engrossar as estatísticas (já insuportáveis) de violência nas grandes cidades. Na verdade, pouco importa quantos eles sejam. Cada criança que deixa de estudar para virar bandido é uma derrota dupla da escola e da sociedade. É preciso que se façam estudos a respeito do impacto da violência na evasão escolar, que atinge, principalmente, os meninos do sexo masculino. É necessário saber, também, uma vez evadidos da escola, para onde vão essas crianças que moram em áreas de risco. Mais do que isso, é preciso políticas eficientes e urgentes para trazer essas crianças de volta para a escola.

Apesar da situação de violência que cerca a escola pesquisada, esse não é um fato que, até então, tenha contribuído para a evasão naquela unidade de ensino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tomada de consciência só ocorre sob a pressão dos fracassos e dos obstáculos encontrados pelo sujeito quando ele tenta atingir os objetivos que o motivam.

A causa da conduta de tomada de consciência é essencialmente extrínseca ao sujeito. Se, em seu confronto com o ambiente, ele não se deparasse com obstáculos a serem superados, a máquina cognitiva entraria em pane.

(Piaget citado por Perrenoud)

O resultado apontou a necessidade que os alunos têm de trabalhar e o cuidado com os filhos como os motivos mais marcantes da evasão escolar naquela UE, o que fortalece o pensamento de que os governos das três esferas, municipal, estadual e federal, num trabalho conjunto, adotem medidas sócio-econômicas para minimizar a evasão, principalmente no que tange ao trabalho como obstáculo à permanência na escola. Ratifica-se esse resultado com uma citação de Gadotti (1994, p.30), citando Paulo Freire:

A educação está vinculada à luta e organização de classe do oprimido. A classe oprimida é maior do que a classe operária. Só a partir do capitalismo é que se pode falar, com propriedade, em classes sociais. Foi o capitalismo que deu às classes sociais um contorno nítido. Entretanto, não se pode dizer que antes dele não havia igualmente oprimidos e opressores. A opressão encontra-se também entre os próprios oprimidos.

Diante dos problemas identificados como motivos de evasão na escola municipal selecionada para pesquisa, principalmente no que diz respeito à necessidade de trabalhar, o maior contribuinte para evasão, urge que sejam traçadas linhas de ação básicas, na tentativa de viabilizar a transformação da vida sócio-econômica dos

alunos, para que não abandonem os estudos e ex-alunos, para que retornem à sala de aula, e assim, a escola possa desempenhar seu papel educativo.

Para tanto, é preciso envolver decisões político-administrativo-pedagógicas, os alunos, os professores, os auxiliares, os funcionários, os pais, os membros da comunidade. É preciso envolver o elemento humano, as pessoas e, através delas mudar a cultura que se vive naquela comunidade.

Acredita-se estar em vias de superar os problemas de acesso à escola, e há vagas para quase todos. Porém, a maneira precária como vivem os moradores de comunidades pobres, semelhante à que a escola pesquisada está inserida, constitui-se num grave problema para o sistema de ensino e, desafia o governo municipal e os diversos setores da sociedade. Por isso, é longo o caminho a percorrer para garantir um ensino de qualidade e a permanência dos alunos na escola.

Há um reconhecimento por parte dos docentes em relação à importância de se investir na formação de professores, a fim de contribuir para reverter o quadro de evasão escolar, porém a questão não é quantitativa, e sim qualitativa. Muito mais pode ser feito, como por exemplo, maiores investimentos na área da saúde, principalmente no controle da gravidez precoce ou indesejada, geração de empregos, igualdade na distribuição de renda, maior segurança, mais programas eficazes de moradias populares, melhor remuneração dos docentes, aumento do número de escolas do mesmo nível das chamadas "escola de referência" ou "escola modelo", incentivo à participação da família na vida do estudante, práticas pedagógicas de acordo com o contexto em que o aluno está inserido, dentre outros.

Salvador já começa a dar sinais de mudanças na educação, através da SMEC, com a proposta Escola, Arte e Alegria, que sintoniza o ensino municipal com a vocação do seu povo; com a Campanha do Livro, que contou com a participação da escritora Zélia Gattai; com a realização de cursos de formação continuada para professores da Educação Infantil; com a utilização da tecnologia, onde os alunos interagem, através de *chats*; junto com a Associação Baiana de Síndrome de Down (Ser Down) lançou uma cartilha sobre Educação Inclusiva; com a proposta de ensinar artes, informática e ecologia; instalações de tele-salas para realização de cursos; treinamento gerencial voltado à capacitação de profissionais que ocupam cargos de direção nas escolas etc.

Por ser uma escola da rede municipal, qualquer projeto educacional inclui a UE pesquisada. Portanto, vale ressaltar as pretensões da secretária de Educação de Salvador:

Como será o último ano de uma gestão dobrada, pois nós estamos aqui há oito anos, a gente vai tentar consolidar tudo isso que nós conseguimos fazer durante esse período. Consolidar significa fazer com que as coisas se desenvolvam de tal maneira que não haja retrocesso. O mal da educação é o retrocesso. De repente vem outra pessoa com outra forma de trabalho e diz que nada do que o outro fez presta, e começa tudo do zero. Isso é terrível para a educação. Vamos, então, tentar promover a consolidação de todas as ações desenvolvidas de maneira que, se alguém quiser dizer que não valeu, outro diga que valeu e que quer continuar assim. Fazer com que o cenário da educação pública de Salvador realmente possa apresentar para o Brasil um trabalho de qualidade.

É preciso, no entanto, que essas iniciativas não venham a ser esquecidas pelos atuais governantes, e que sejam continuadas pelos próximos. Mesmo sendo um problema crônico, se todos se engajarem nessa luta, por certo, ter-se-á mais

crianças nas escolas e, conseqüentemente, menos crianças nas ruas, além de jovens e adultos retomando os estudos, modificando e melhorando o quadro sócio-cultural da comunidade onde está situada a escola.

4.1 Como utilizar as novas tecnologias para incluir e combater

a evasão escolar

A inclusão propicia experiências pessoais e interpessoais que afetam objetiva e subjetivamente as relações entre os educandos e entre o professor e sua turma, exigindo avanços nas práticas pedagógicas e na estruturação dos sistemas de ensino.

(Maria Teresa Eglér Mantoan)

Com a revolução digital, que atinge todos os grupamentos da sociedade, de maneira espantosa, a prática pedagógica não está mais restrita ao professor e ao aluno. Essa prática lança um desafio aos sujeitos do processo de ensinar e aprender – professor e aprender e ensinar – aluno, o de romper com práticas mecanicistas, arcaicas, conservadoras, para que novas práticas possibilitem o aprender e construir conhecimentos.

Sabe-se que o “novo” assusta, cria resistência, causa medo. Por que fazer diferente se sempre deu certo até agora? Para quê mudar? Tem sido assim com as novas tecnologias⁷ na educação. Ainda, com todo avanço, existe muita resistência, por parte de professores, em implantar, aceitar e entender o papel das tecnologias numa perspectiva educativa. Contudo, por outro lado o que se percebe, nos alunos, é uma aceitação imediata, mais do que isso, um misto de interesse e curiosidade, diante da possibilidade de interagir, de “mexer”, principalmente, no computador. E, os professores já reconhecem ter no computador um grande aliado contra a evasão,

⁷ Entende-se por novas tecnologias todos os aparatos que podem ser usados em favor da prática pedagógica, como: televisão, vídeo, DVD, computador etc.

principalmente nas escolas públicas onde o alunado é predominantemente de famílias pobres, portanto, que não têm recursos para adquirir tais aparelhos.

Fica claro que não basta informatizar a escola, é fundamental com base em trabalho coletivo, repensar o projeto pedagógico da escola, realizando uma reflexão sobre as finalidades da escola, explicitando seu papel social, bem como quais ações deverão ser empreendidas pela equipe escolar (direção, coordenação, professores, funcionários, pais e alunos) frente às novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Para Pierre Lévy, citado por Romilda Teodora Ens (2003, meio eletrônico), da Pontifícia Universidade Católica do Paraná:

Numa aprendizagem colaborativa fazendo uso do computador, professores e alunos aprendem, fazendo uso do processo dialético de aprender. Seus pontos de partida são diferenciados, mas pelas problematizações criadas o ponto de chegada será de aprendizagem para ambos. Nesse processo, o professor e não só o aluno, tem 'ganhos' em relação à sua formação, pois ao fazer uso constante de recursos materiais e informacionais atualiza seu conhecimento 'disciplinar' e constrói sua *práxis*, gerenciando sua formação continuada.

Pierre Lévy, em palestra promovida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, traduzida por Suely Rolnik (2003, meio eletrônico), diz:

O espaço cibernético é um terreno onde está funcionando a humanidade, hoje. É um novo espaço de interação humana que já tem uma importância enorme sobretudo no plano econômico e científico e, certamente, essa importância vai ampliar-se e vai estender-se a vários outros campos, como por exemplo na Pedagogia, Estética, Arte e Política. O espaço cibernético é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores.

Então, pergunta-se, com tanta evolução, como ficar à margem de tudo isso?

A escola pesquisada conta com um laboratório de informática em pleno funcionamento nos três turnos, atuando como escola-membro do Projeto de Educação e Tecnologias Inteligentes (PETI), da SMEC. Esse laboratório tem a função de auxiliar na execução dos projetos pedagógicos da escola, ou mesmo nas seqüências didáticas, quer seja nas pesquisas na Internet, ou em qualquer outra atividade interativa. É requisito fundamental 100% (cem por cento) de ocupação do laboratório, em prol da aprendizagem.

Ficou evidenciada, na UE pesquisada, principalmente nas classes noturnas, a importância das novas tecnologias (ênfase no computador). Alunos que não faltam às aulas, simplesmente para poderem ‘trabalhar’ com o computador, percebendo-se, portanto, uma diminuição, tanto quanto às faltas como quanto à evasão.

É certo que dos aparatos tecnológicos, o computador é o que provoca maior curiosidade e desperta mais interesse entre os alunos. Então, por que não se utilizar dessa ferramenta para melhor trabalhar o processo ensino-aprendizagem? Se o homem aprende na interação com o outro, no uso da máquina não será diferente, até porque as atividades desenvolvidas no laboratório de tecnologias, geralmente, são duplas ou trios de alunos por máquina. Nesse momento eles, concomitantemente, estão interagindo uns com os outros e com a máquina, e, portanto o resultado só pode ser positivo.

Durante a pesquisa na UE escolhida, uma professora comentou o desabafo de uma aluna que se matriculou na 4ª série da EJA, depois das aulas terem começado e que

faltava muito por motivos diversos, inclusive por desânimo. Pela primeira vez diante do computador, aluna disse emocionada e emocionando a professora:

Nunca pensei que um dia eu iria poder pegar num computador. Não tenho condições de comprar e nem conheço ninguém que tenha um que eu possa 'mexer'. Depois de mais de 20 (vinte) anos sem estudar, com quase 50 (cinquenta) anos de idade, hoje estou novamente na escola, e uma escola que tem computador para os alunos. Vou fazer todo sacrifício para não perder aula, principalmente, no dia de vir para a sala de informática.

Passados alguns dias, a professora confirmou que aquela aluna passou a freqüentar regularmente, revelando-se uma aluna aplicada e incentivando os colegas a não deixarem de estudar.

Com a velocidade em que o mundo caminha, é inadmissível imaginar a educação sem a presença das tecnologias na sua prática. Em seu texto sobre a Educação e Cybercultura e a nova relação com o saber, Pierre Lévy (2002, meio eletrônico) escreveu:

Toda e qualquer reflexão séria sobre o devir dos sistemas de educação e formação na cybercultura deve apoiar-se numa análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber. A esse respeito, a primeira constatação envolve a velocidade do surgimento e da renovação dos saberes e do *know-how*. Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no começo de seu percurso profissional serão obsoletas no fim de sua carreira. A segunda, fortemente ligada à primeira, concerne à nova natureza do trabalho, na qual a parte de transação de conhecimentos não pára de crescer. Trabalhar equivale cada vez mais a aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos. Terceira constatação: o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que ampliam, exteriorizam e alteram muitas funções cognitivas humanas: a memória (banco de dados, hipertextos, fichários digitais [numéricos] de todas as ordens), a imaginação (simulações), a percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), os raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos).

Em todos os segmentos da sociedade moderna, as tecnologias são indispensáveis ao bom desempenho de toda e qualquer atividade, não poderia, a educação, deixar de usar tão influente instrumento, para permear e socializar a construção do saber, a aquisição do conhecimento. Para Lévy (2002, meio eletrônico):

Devido ao fato de que essas tecnologias intelectuais, sobretudo as memórias dinâmicas, são objetivadas em documentos numéricos (digitais) ou em *softwares* disponíveis em rede (ou de fácil reprodução e transferência), elas podem ser partilhadas entre um grande número de indivíduos, incrementando, assim, o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos. O saber-fluxo, o saber-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva estão modificando profundamente os dados do problema da educação e da formação. O que deve ser aprendido não pode mais ser planejado, nem precisamente definido de maneira antecipada. Os percursos e os perfis de competência são, todos eles, singulares e está cada vez menos possível canalizar-se em programas ou *currículos* que sejam válidos para todo o mundo. Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos.

As novas tecnologias têm seu lado preocupante em relação aos processos de leitura e escrita. Quanto a isso, Emília Ferreiro (2003, meio eletrônico), em um artigo, escreveu: “Não faz falta muitos argumentos para convencer ao público letrado de uma vivência cotidiana: a aparição e rápida disseminação dos computadores de uso pessoal estão transformando rapidamente nossos modos de produzir e ler textos”.

Ferreiro demonstra uma preocupação, especialmente, com a educação pública, pois o abismo que separava a população não alfabetizada da alfabetizada, que já era grande, tornou-se ainda maior com o advento das tecnologias (TV, vídeo, DVD, computador). Se o acesso aos livros, jornais, bibliotecas, como ambiente de letramento, era difícil, agora muito mais, pois os educando, atualmente, só procuram pelo computador.

Nesse aspecto, a escola pesquisada tem a preocupação de estar sempre enfatizando a sua proposta: formar leitores e escritores competentes. Para isso, se utiliza sempre dos portadores textuais, para que o aluno aprenda e adquira o prazer e o gosto pela leitura. Ali, as tecnologias são utilizadas como recursos facilitadores da prática educativa.

Quanto à maneira como as novas tecnologias vêm sendo trabalhadas dentro da rede municipal, a secretária de Educação, proferiu em entrevista a um Jornal:

É uma coisa também que é interessante e que a gente precisa, porque estamos vivendo a era da tecnologia e as crianças têm muito mais facilidade do que os adultos neste sentido. Tem que estar lá, na escola, o micro-computador para o menino usar, e outras coisas que as crianças que têm poder aquisitivo têm isso. Quando eu falo em competir com igualdade de condições é isso. Todas as escolas que nós estamos construindo vão ter laboratório de informática. Isso é um grande atrativo para a escola e é importante para eles. Eles precisam ter essa linguagem tecnológica para estar no mercado.

Nessa perspectiva, Emília Ferreiro (2003, meio eletrônico), em um artigo seu, comenta:

A criança já nasce num ambiente social que requer contato constante com a informática, e a escola acaba tendo que se adaptar a estas novas formas de conhecimento. Estas mudanças são avassaladoras porque mexem em toda a estrutura escolar e familiar. O desafio da escola é ser capaz de prover os meios necessários para acompanhar esta evolução. O comportamento da escola diante desta revolução é o que preocupa. O processo de ensino-aprendizagem passa hoje por uma ruptura, pois a criança consegue apreender e dominar o computador com mais facilidade do que os adultos.

Nota-se um consenso entre os discursos da secretária municipal de Educação e da psicolinguista argentina Emília Ferreiro, quanto às facilidades que as crianças têm

de absorver o mundo tecnológico, por isso o cuidado que se deve ter no uso de tais instrumentos.

REFERÊNCIAS

A busca constante pela qualificação. Folha Dirigida/Suplemento do Professor. Salvador, p.6, 15 out. 2003.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **O que é afetividade?** Reflexões para um conceito. Disponível em www.educacaoonline.pro.br/lista_secao.asp?p_id_secao=3, acessado em 19/06/2004.

ANALFABETISMO na Bahia está diminuindo, afirma o governador. Notícias *on line*. Disponível em http://www.agecom.ba.gov.br/exibe_noticia.asp?cod_noticia=5837, acessado em 19/06/2003.

ENS, Romilda Teodora. **O professor e a novas tecnologias**. Relação professor, aluno, tecnologia: um espaço para o saber, o saber fazer, o saber conviver e o saber ser. Disponível em http://www.ricesu.com.br/colabora/n3/artigos/n_3/id04.php, acessado em 14.08.2003.

FERREIRO, Emilia. **A revolução informática e os processos de leitura e escrita**. Disponível em www.hemerodigital.unam.mx/ANUIES/ipn/avanpers/sep96/larev/sec, acessado em 10/07/2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 168 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184 p.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico brasileiro**. 5^a. Ed. São Paulo: Ática, 1994. 173 p.

LÈVY, Pierre. **A emergência do cyberspace e as mutações culturais**. Disponível em <http://empresa.portoweb.com.br/pierrelevy/aemergen.html>, acessado em 14/08/2003.

LÈVY, Pierre. **Educação e cybercultura**. A nova relação com o saber. Disponível em www.sescsp.com.br/sesc/hotsites/pierre_levy/downloadaberto_educaecyber.doc, acessado em 14/08/2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Explorando o ciberespaço nas trilhas da inclusão**. Porto Alegre, Revista Pátio. Editora Artmed, ano VII, n. 26, edição trimestral, p.52, maio/julho 2003.

OLIVEIRA, Israel. **Analfabetismo tecnológico**. Cultura. Emília Ferreiro alerta para a inversão no processo de aprendizagem. UERJ. Disponível em www2.uerj.br/~emquest/emquestao73/analfabetismo.htm, acessado em 10/07/2003.

PEDAGOGIA aliada à prática afetiva. Folha Dirigida/Suplemento do Professor. Salvador, p.8, 15 out. 2003.

PERRENOUD, Philippe. **A Prática Reflexiva no Ofício de Professor:** Profissionalização e Razão Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002. 232 p.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky:** Uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 142 p.

RELATÓRIO 2003. Secretaria Municipal da Educação e Cultura. Website: www.smec.pms.ba.gov.br , acessado 19/06/2004.

TABONE, Márcia. **A Psicologia Transpessoal.** Introdução à nova visão da Consciência em Psicologia e Educação. 14ª. Ed. São Paulo: Cultrix, 1999. 170 p.

WEINBERG, Mônica. **Vem aí mais um nome.** Só mudou o método. São Paulo, Revista Veja. Editora ABRIL, ano 36, n. 42, edição 1825, p. 50, 22 out. 2003.

3. Faixa etária: 15 a 19 anos 20 a 29 anos 30 a 39 anos
 40 a 49 anos acima de 50 anos
4. Grau de escolaridade:
 1º grau completo 1º grau incompleto 2º grau completo
 2º grau incompleto superior completo superior incompleto
5. Possui ocupação: sim. Qual? não
6. Nível de renda:
 até 260 reais de 261 a 500 reais de 501 a 1.000 reais
 acima de 1.000 reais
7. Estuda atualmente:
 sim não. Por quê?
8. Para você, quais os motivos que levam uma pessoa que estuda a abandonar a escola?
 trabalho
 filhos
 distância entre a residência e a escola
 falta de alimentação
 falta de dinheiro
 outros. Quais?